



2020 - 2022



# ESCOLAS LITERÁRIAS





# ESCOLAS LITERÁRIAS

Aqui você vai conhecer as escolas literárias e como elas se formaram ao longo do tempo. Afinal, é preciso olhar para o passado para entender o presente e assim compreender a literatura nos dias de hoje.

**Esta subárea é composta pelas apostilas:**

1. **Trovadorismo**
2. **Humanismo**
3. **Classicismo**
4. **Quinhentismo**
5. **Barroco Brasil**
6. **Arcadismo Brasil**



# TROVADORISMO

O Trovadorismo foi uma escola literária que surgiu durante a Baixa Idade Média, a partir do século XII, bastante influenciado pelo contexto da época, que apresentava o Feudalismo como sistema socioeconômico e o domínio generalizado da Igreja Católica. A literatura do período é marcada pela simplicidade e pelo predomínio da emoção sobre a razão.

Os textos em prosa eram as novelas de cavalaria, enquanto as cantigas eram as principais manifestações poéticas, e em geral eram cantadas pelo trovador, que também tocava instrumentos como o alaúde enquanto declamava os poemas.

Os textos da época foram escritos na língua provençal ou em galaico-português ou galego-português, um português arcaico. Quanto à forma, os versos eram redondilhas, podendo ter cinco sílabas poéticas (verso pentassílabo ou redondilha menor) ou sete sílabas poéticas (verso heptassílabo ou redondilha maior). Observe estes versos decassílabos:

O/ poe/ ta é/ um/ fin/ gi/ **dor**

Fin/ ge/ tão/ com/ ple/ ta/ **men/** te

Que/ che/ ga a/ fin/ gir/ que é/ **dor**

A/ dor/ que/ de/ ve/ ras/ **sen/** te

(O Poeta é um Fingidor, de Luís de Camões)

Veja que a divisão de sílabas poéticas é diferente da divisão de sílabas gramaticais. O fim de uma palavra pode se juntar ao início de outra - por exemplo, quando uma palavra termina em vogal e a seguinte também começa em vogal - e só contamos as sílabas poéticas até a última sílaba tônica do verso.

A maioria dos trovadores conhecidos era de origem nobre, e inclusive alguns reis de Portugal foram trovadores. As cantigas chegaram até nós através dos Cancioneiros, que são compilações destes textos. Veja a seguir os tipos de cantigas:



## CANTIGAS LÍRICAS

### Cantigas de amor

O eu-lírico - o “autor” que transparece no texto, e nem sempre corresponde à identidade do escritor do texto - sempre é masculino, trata comumente do sofrimento de amor (chamado de “coita”) e se declara abertamente à mulher amada. Ele se dirige a ela como “mia senhor”, uma vez que o galaico-português não tinha flexão de gênero para as palavras terminadas em “or”. Este vocativo está associado ao conceito medieval de suserania e vassalagem: o eu-lírico se coloca como vassalo, submisso, da mulher que ama.

No mundo non me sei pareiha,  
Mentre me for como me vai,  
Ca já moiro por vós – e ai!  
Mia senhor branca e vermelha,  
Queredes que vos retraia  
Quando vos eu vi em saia!  
Mau dia me levantei,  
Que vos enton non vi fea!  
E, mia senhor, dês aquel di', ai!  
Me foi a mim mui mal,  
E vós, filha de don Paai  
Moniz, e bem vos semelha  
D'haver eu por vós guarvaia,  
Pois, eu, mia senhor, d'alfaia  
Nunca de vós houve nen hei  
Valia d'ua Correa.

Esta é a *Cantiga da Ribeirinha* - também conhecida como *Cantiga da Guarvaia* - de autoria de Paio Soares de Taveirós. É considerada a cantiga mais antiga do mundo, tendo sido publicada no final do século XII. Nela, o eu-lírico diz que não há ninguém no mundo que se compare a ele “No mundo non me sei pareiha” se dirige à sua senhora pálida de bochechas rosadas “*Mia senhor branca e vermelha*”, por quem se apaixonou desde que a viu sem seu manto “*Quando vos eu vi em saia!*”. Ele, porém, lamenta que ela não lhe deu um presente “*Nunca de vós houve nen hei / Valia d'ua Correa*”.

### Cantigas de amigo

O eu-lírico das cantigas de amigo é sempre feminino, e também mais discreto na declaração de amor, pois se trata de uma mulher do povo, camponesa. Surgida na Península Ibérica, a cantiga de amigo tem uma estrutura simples, com repetição de versos e de construções poéticas (paralelismo) e até mesmo, em alguns casos, um refrão. O amor nestas cantigas é menos casto que na cantiga de amor e uma figura de linguagem constante é a prosopopeia ou personificação, pois é comum o eu-lírico iniciar diálogos com seres da natureza para tratar, por exemplo, da saudade que sente do homem que ama.



Ondas do mar de Vigo,  
se vistes meu amigo!  
E ai, Deus!, se verrá cedo!

Ondas do mar levado,  
se vistes meu amado!  
E ai Deus!, se verrá cedo!

Se vistes meu amigo,  
o por que eu sospiro!  
E ai Deus!, se verrá cedo!

Se vistes meu amado,  
por que hei gran cuidado!  
E ai Deus!, se verrá cedo!

A cantiga *Ondas do Mar de Vigo*, de Martim Codax, apresenta um eu-lírico feminino conversando com as ondas - portanto, personificando um elemento da natureza - e perguntando se elas viram o seu homem amado. Há um refrão em “*E ai, Deus!, se verrá cedo!*”, que significa “tomara que ele volte logo”.

## CANTIGAS SATÍRICAS

### Cantigas de escárnio

Neste tipo de cantiga, o eu-lírico faz uma crítica indireta e em geral disfarçada a alguém, usando muitas palavras e expressões de duplo sentido. A pessoa criticada nunca é citada pelo nome.

Ai dona fea, fostes-vos queixar  
que vos nunca louv'en[o] meu cantar;  
mais ora quero fazer um cantar  
em que vos loarei todavia;  
e vedes como vos quero loar:  
dona fea, velha e sandia!

A cantiga acima, de João Garcia de Guilhade, não identifica a “dona feia” a quem o eu-



lírico se dirige. A cantiga conta que esta mulher havia pedido ao eu-lírico para escrever sobre ela, e ele o fez, chamando-a de “feia, velha e louca”.

### Cantigas de maldizer

Por outro lado, o eu-lírico da cantiga de maldizer faz uma crítica direta, em geral citando a pessoa criticada, usando inclusive xingamentos e palavrões.

Maria Pérez se maenfestou  
noutro dia, ca por [mui] pecador  
se sentiu, e log'a Nostro Senhor  
pormeteu, polo mal em que andou,  
que te vess'um clérig'a seu poder,  
polos pecados que lhi faz fazer  
o Demo, com que x'ela sempr'andou.  
Maenfestou-se ca diz que s'achou  
pecador muit', e por en rogador  
foi log'a Deus, ca teve por melhor  
de guardar a El ca o que a guardou;  
e mentre viva, diz que quer teer  
um clérigo com que se defender  
possa do Demo, que sempre guardou.  
E pois que bem seus pecados catou,  
de sa mort'houv'ela gram pavor  
e d'esmolnar houv'ela gram sabor;  
e log'entom um clérigo filhou  
e deu-lh'a cama em que sol jazer,  
e diz que o terrá, mentre viver;  
e est'afã todo por Deus filhou.  
E pois que s'este preito começou  
antr'eles ambos houve grand'amor  
antr'ela sempr'[e] o Demo maior,  
atá que se Balteira confessou;  
mais, pois que vio o clérigo caer  
antr'eles ambos, houv'i a perder  
o Demo, des que s'ela confessou.

